

for Paulo  
de Birgit.

# Paulo Freire volta a trabalhar no Brasil em agosto

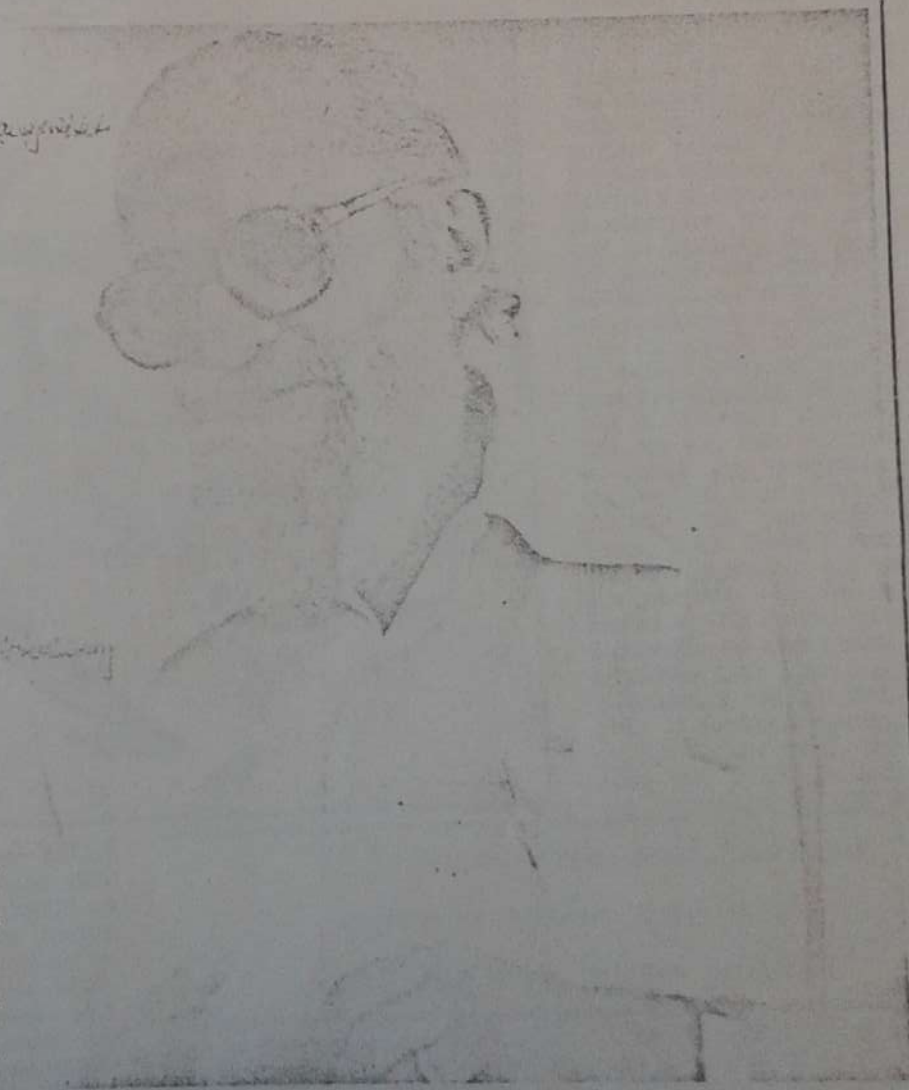
O educador Paulo Freire deverá vir em definitivo para o Brasil no próximo dia 2 de julho. Aqui ele desenvolverá trabalhos voltados à educação popular: na Unicamp, na PUC de São Paulo e junto aos grupos da Igreja que atuam na periferia paulistana. Paulo Freire esteve dia 24 passado, no Centro de Estudos, Educação e Sociedade e na Faculdade de Educação da Unicamp, quando trocou idéias com educadores sobre seus planos de trabalho aqui no Brasil. (Ver noticiário em outro local desta edição).

O educador brasileiro se desligará do Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra, em junho próximo, mas continuará ligado ao IDAC — Institut D'Action Culturelle, órgão que ele próprio criou em Genebra, capital suíça, para desenvolver trabalhos de assessoria aos programas de educação de vários países no mundo todo. Aliás, segundo informou o próprio Paulo Freire, o IDAC será transferido para o Brasil, com sede no Rio de Janeiro.

Segue uma entrevista dele ao Jornal da Educação concedida a Olavo Avalone Filho, Maria Inês Nassif e Cristina Luiza Borchert.

JE — Após Campinas, qual seu destino e quando se dará seu retorno ao Brasil? O que o sr. fará nesta viagem e depois de voltar, agora em definitivo?

PAULO FREIRE — Vou daqui à Guiné-Bissau, onde já há quatro ou cinco anos eu venho prestando assessoria ao governo de lá, particularmente ao ministério de educação, ao lado dos ministérios de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e também Angola. Essa assessoria eu venho dando em nome de dois órgãos: de um lado, como tradutor do Departamento de educação do Conselho Mundial de Igrejas, onde estarei até o fim de junho, e, do outro, como



**“O retorno definitivo  
deve ser a 2 de julho”**

membro da equipe do Instituto de Ação Cultural, que eu criei com jovens brasileiros e europeus em Genebra há oito anos atrás. E agora estou indo lá para uma visita última, porque nossa assessoria na Guiné termina agora, e nós continuare-

mos com Cabo Verde e São Tomé. Estou indo com a Elza, minha mulher, que trabalha comigo e da Guiné eu parto para Genebra, onde vou tratar do retorno definitivo ao Brasil, que deve se dar no dia 2 de julho deste ano.

JE — Aqui no Brasil, que atividades se desenvolverá?

PAULO FREIRE — Aqui eu trabalharei em São Paulo, radicado em São Paulo, na PUC e na Unicamp. Trabalharei ao nível da pós-graduação, sem que isto signifique um corte radical quanto à graduação. Mas a minha preocupação fundamental, enquanto educador trabalhando

iludido com as equipes que atuam nas unidades de base. No meu caso particular vai nos dar uma possibilidade muito grande de reflexão sobre algo muito real, muito concreto. Porque com este tipo de trabalho eu estou tendo também contato com diferentes instituições com cujas equipes eu começo já a estabelecer um bom

se clareará na medida em que eu chegar e começo a trabalhar. Será exatamente a prática que me vai delimitar inclusive os campos meus, será a minha prática que vai me dizer, aqui tu estavas pensando sonhadamente, não podes, aqui tu podes, etc. E por esta prática, que começará mais concretamente em agosto próximo, eu estou ansioso hoje.

JE — O Brasil encontra-se em fase de reorganização partidária e o sr., como educador talvez não se filie a determinado partido, mas certamente sendo um educador, tem opinião formada. Gostaríamos de saber se o sr. sente simpatia por algum partido e qual e chef.

PAULO FREIRE — E, eu gostei dessa pergunta. Porque, como educador eu não posso deixar de ser político. Agora, há uma diferença: há políticos que são educadores porque são políticos e eu, como educador, sou político porque sou educador. Há uma diferença sutil, mas que não me permite de maneira nenhuma ter a pretensão, que eu jamais tive, de ser neutro porque sou educador. Não há educador neutro. Mas tem um dado que eu quero te contar: eu quero ter opinião, tanto quanto possível, equidistante mas não ausente, de uma situação partidária. Mas em dezembro, há um mês ou dois atrás, eu passei um telegrama — inclusive foi a primeira vez em minha vida particular que eu tomei uma decisão como essa, que me explicita em torno de um partido — passei um telegrama ao PT dando minha simpatia ao seu sonho e solidarizando a usar o meu nome. Foi a primeira vez na história minha. E eu vou agora me perguntar e por quê? Porque eu acho que o PT — sem entrar em consideração em torno de

### "Há um horizonte amplo de trabalho disponível, sério"



em universidade como a Unicamp e a PUC, enquanto com textos teóricos, é não certar as minhas relações com os contextos concretos sobre os quais eu devo refletir no contexto teórico. Sem dicotomizar esses contextos, mas, pelo contrário, tornando-os sempre dinamicamente. Por outro lado, tudo indica que nós vamos trabalhar também com a equipe da UNAL, cuja inscrição no Brasil nós estamos estudando. Nós vamos também trabalhar um pouco num tipo de assessoria às equipes de Dom Paulo Evaristo. Não nós diretamente na periferia de São Paulo, mas traba-

lando com as equipes que atuam nas unidades de base. No meu caso particular vai nos dar uma possibilidade muito grande de reflexão sobre algo muito real, muito concreto. Porque com este tipo de trabalho eu estou tendo também contato com diferentes instituições com cujas equipes eu começo já a estabelecer um bom

tipo de relação, como por exemplo as equipes do CEDEU e do CEDES, com as quais nós vamos trabalhar muito juntos. O CEDES dicotomiza-se em duas partes para dizer lá, tem muitos mulheres, dentro de um horário, enquanto não estiver aqui na PUC. Quer dizer, há um horizonte muito amplo e sério de trabalho disponível, sério que

### "Há uma certa coincidência entre o sonho que o PT anuncia e os meus sonhos"

se clareará na medida em que eu chegar e começo a trabalhar. Será exatamente a prática que me vai delimitar inclusive os campos meus, será a minha prática que vai me dizer, aqui tu estavas pensando sonhadamente, não podes, aqui tu podes, etc. E por esta prática, que começará mais concretamente em agosto próximo, eu estou ansioso hoje.

JE — O Brasil encontra-se em fase de reorganização partidária e o sr., como educador talvez não se filie a determinado partido, mas certamente sendo um educador, tem opinião formada. Gostaríamos de saber se o sr. sente simpatia por algum partido e qual e chef.

PAULO FREIRE — E, eu gostei dessa pergunta. Porque, como educador eu não posso deixar de ser político. Agora, há uma diferença: há políticos que são educadores porque são políticos e eu, como educador, sou político porque sou educador. Há uma diferença sutil, mas que não me permite de maneira nenhuma ter a pretensão, que eu jamais tive, de ser neutro porque sou educador. Não há educador neutro. Mas tem um dado que eu quero te contar: eu quero ter opinião, tanto quanto possível, equidistante mas não ausente, de uma situação partidária. Mas em dezembro, há um mês ou dois atrás, eu passei um telegrama — inclusive foi a primeira vez em minha vida particular que eu tomei uma decisão como essa, que me explicita em torno de um partido — passei um telegrama ao PT dando minha simpatia ao seu sonho e solidarizando a usar o meu nome. Foi a primeira vez na história minha. E eu vou agora me perguntar e por quê? Porque eu acho que o PT — sem entrar em consideração em torno de

educador político. E, para terminar, eu te diria: eu acho uma certa coincidência — talvez seja uma pretensão de minha parte; eu não gosto de ser pretensioso — eu encontro uma certa coincidência entre o sonho que o PT anuncia e os meus sonhos nos meus livros. "Pedagogia do Oprimido" eu acho que tem muito a ver com o sonho do PT.

JE — Ao chegar ao Brasil, do exílio, o sr. preferia não abordar certas questões dizendo sentir necessidade de antes reabrir o seu país. Como se sente hoje? O sr. já se sente em condições de agora falar das questões?

PAULO FREIRE — Eu confesso, nisto eu também sou muito rigoroso. Evidentemente, desta vez eu já comecei a falar um pouco mais. Eu tive chance de ouvir o povo na periferia de São Paulo. Então, o processo de aprendizagem de que eu te falava no ano passado começou a se dar mais fortemente agora do que no ano passado. Porque no ano passado passei um mês, primeiro sob o impacto emocional de uma volta, segundo dividindo esse mês entre

quatro lugares do Brasil: São Paulo, Rio, Campos e Recife. Foi muito impacto, mas agora, um mês todo em São Paulo, praticamente quase, sem anúncios de que eu estava aqui, etc... Então eu tive mais tempo de pensar, de ver e de ouvir. E começo a aprender muito. Depois que eu chegar aqui, de vez, você pode fazer as perguntas que você tem.



sub-unidades que se dividem em função de certos temas e de certas práticas. Então você vai encontrar, por exemplo, Unidades com sub-unidades que tratam, por exemplo, do problema de fé e sociedade, a sub-unidade que trata do combate ao racismo... Isto é que eu acho formidável no Conselho Mundial de Igrejas: em sendo uma

as multinacionais, o papel das multinacionais no mundo, seu poder, etc. Quer dizer que há, então, esta pluralidade de aspectos, o que constitui para mim uma coisa profundamente simpática. Inclusive trabalhei dez anos no Conselho Mundial de Igrejas e me senti sempre muito livre, muito à vontade e nada beato. Quer dizer, não há assim uma pieguice de sacristia, de igreja, há uma preocupação assim muito com a vida, com a melhoria da vida. Não se dicotomiza a fé da política. Cientificamente é impossível dicotomizar, mas teoricamente é possível. Quer dizer, você também vê que não é possível separar prática da teoria, no entanto as universidades separam. Evidentemente eu não tenho autoridade para falar em nome do Conselho Mundial de Igrejas, mas estou salientando o acerto nesta postura do Conselho. Estou falando isto aqui em meu nome pessoal. Eu assumo a responsabilidade da minha leitura diante do Conselho Mundial de Igrejas. Não posso dizer que represento o Conselho

JE — Pelo que se nota hoje há uma diferença básica na ação voltada à educação popular. No passado, pensava-se numa dimensão nacional; hoje pense-se na ação local. A ideia do alcance da ação é nacional mas a prática é local. O sr. concorda com isto?

PAULO FREIRE — Você diz o conteúdo das ações, por exemplo?

JE — Sim.

PAULO FREIRE — Sim, estou totalmente de acordo com isto. O problema que para mim se colocaria seria o seguinte: a prática centrada em temas e em problemas locais, porém com uma visão nacional destes problemas. Quer dizer, ao mesmo tempo que tu discutiras, por exemplo com uma população periférica em Campinas, teu ponto de partida e problemática daquela população, não da população de São Paulo. Mas, ao mesmo tempo que tu estivesses com a população, estudando, refletindo e buscando soluções para problemas locais tu estarias buscando a dimensão nacional, estadual, regional desses problemas. Mas o ponto de partida é o local, como o ponto de partida é o hoje. Eu te diria: o ponto de partida é o aqui e o agora. É a partir de aqui e agora que tu ganhas a generalização no tempo e no espaço.

*"Tive tempo de pensar, ver, e começo a aprender muito"*

quatro lugares do Brasil: São Paulo, Rio, Campos e Recife. Foi muito impacto, mas agora, um mês todo em São Paulo, praticamente quase, sem anúncios de que eu estava aqui, etc... Então eu tive mais tempo de pensar, de ver e de ouvir. E começo a aprender muito. Depois que eu chegar aqui, de vez, você pode fazer as perguntas que você tem.

JE — O que é o Conselho Mundial de Igrejas e qual o seu trabalho lá?

PAULO FREIRE — Faz dez anos que eu trabalho lá e não sou capaz de responder bem. Diria que o Conselho, como o próprio nome diz, é um Conselho ecumênico, que congrega uma grande quantidade de Igrejas do mundo todo. Tem sua sede em Genebra, é mantido pelas Igrejas, com mais ênfase para as Igrejas dos países mais ricos — as Igrejas alemãs, norte-americanas, sem esquecer outras. Mas esta parte de administração eu também não entendo. O importante é dizer que as Igrejas mantêm o Conselho. O Conselho se divide, do ponto de vista da administração

organização da Igreja e ecumênica — não sei se com o que eu vou dizer agora vou chocar algumas pessoas do próprio Conselho — mas eu diria que o Conselho não faz a separação impossível no meu entender, entre mundanidade e transcendentalidade, entre história e meta-história. O que significa que o Conselho no mesmo tempo se preocupa com o problema da fé e com o problema do ra-

*"O ponto de partida é o aqui e o agora"*

cismo. Ao mesmo tempo que ele se preocupa com o problema do apostolado, ele se preocupa, por exemplo, com o problema da educação de adultos, não no campo específico da Igreja. Eu, por exemplo, assessoro até agora a governos como estes governos de antigas colônias portuguesas. Se preciso, por exemplo, com o problema do desenvolvimento, o que significa o desenvolvimento. Há um ator, lá, este inclusive orientado por um jovem economista brasileiro o que estuda